

FEIRA DE ARTE E ANTIGUIDADES DE LISBOA

2016



Feira de Arte e Antiguidades de Lisboa 2016

Sempre renovada na sua apresentação, mas sempre cumprindo os propósitos a que se impôs desde o início, a Feira de Arte e Antiguidades de Lisboa, exemplarmente promovida pela Associação Portuguesa de Antiquários, renova este ano, uma vez mais, a estreita colaboração que vem mantendo com o Museu Nacional de Arte Antiga. Trata-se de uma relação antiga e sólida, que ambas as entidades, tão diversas nos seus objectivos sociais, vêm honrando de forma exemplar, proporcionando a um vasto público de estudiosos, de colecionadores, de curiosos, de leigos e de eruditos, nacionais e estrangeiros, o acesso a uma vasta produção de obras realizadas em todos os domínios expressivos e nos mais variados suportes e materiais, abrangendo ainda uma larga cronologia que chega à arte do nosso tempo.

É esta relação com os visitantes e com a comunidade científica, numa escala já hoje global, que importa aqui realçar, mas esta chamada de atenção seria com certeza espúria se não retivéssemos a importância essencial que revestem as parcerias com outros museus, núcleos de investigação, fundações públicas e privadas, pessoas colectivas e singulares, empresas e núcleos de produção de saber, ligados numa rede muitas vezes invisível mas capaz de superar as limitações das actuações solitárias, desajustadas sem dúvida da produção cultural contemporânea.

Ora, são justamente estes os pontos que em grande parte justificam e apoiam a actual programação do MNAA, toda ela desenvolvida a partir do labor de investigação de uma equipa própria mas por sistema articulada com outras instituições – nacionais e internacionais – preocupada com a missão pública do estudo mas também com a sua divulgação, atenta aos valores do passado mas permeável à dimensão de um olhar moderno e actualizado.

Assim, acaba de encerrar no MNAA uma importante exposição de grandes mestres da pintura espanhola, reunida ao longo de décadas pela Fundación Masaveu, ao mesmo tempo que se recebiam, já este ano, no programa de Obras Convidadas, peças de primeira água de autores tão consagrados como El Greco (Museu de Santa Cruz de Toledo) ou Bernardo Belotto (Museum Kunspalast de Düsseldorf). Do Castelo de Weilburgo, na Alemanha, foi exposta, depois de estudada e cuidadosamente restaurada, uma magnífica *Vista de Lisboa com a Entrada de Filipe III em 1619*, na Sala do Tecto Pintado, onde se pode admirar agora o Tesouro da Rainha Santa, montado em colaboração com o Museu Nacional Machado de Castro e a Confraria da Rainha Santa Isabel, e em evocação oportuna dos 500 Anos da sua canonização. Do trabalho precioso e invisível do corpo técnico do MNAA resulta a organização da próxima grande mostra, a inaugurar em Maio, dedicada a peças mantidas em reserva no Museu, ocasião propícia para revelar obras de grande qualidade mas menos conhecidas do grande público; e dimana ainda a projectada abertura do 3.º piso do Museu, após ampla e profunda remodelação, com a apresentação renovada da colecção de pintura e de escultura portuguesas do MNAA.

De uma incontável lista de actividades, que bem espelham a diversidade da programação do Museu, não podíamos deixar de assinalar dois momentos marcantes, verdadeiramente seminais no âmbito da actualidade museológica portuguesa e no lançamento de pontes com essa entidade tão dinâmica, e às vezes tão vaga, que entendemos como a «sociedade civil». Numa delas, *Coming Out*, com o apoio da HP-Portugal e da Câmara Municipal de Lisboa, o Museu saiu para a rua, expôs-se em ruelas e em praças, nas mais recônditas esquinas de Lisboa, participando da sua *movida* noctívaga, e trazendo ao mais incauto dos públicos as imagens das suas obras maiores em reproduções fidelíssimas. Noutra – *Vamos pôr o Sequeira no Lugar Certo* – o MNAA, com o apoio decisivo do jornal Público, de empresas e fundações, de Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia, Escolas e cidadãos anónimos, propôs-se adquirir uma peça determinante do percurso artístico do pintor Domingos Sequeira, que sem dúvida enriquece a panorâmica sobre a pintura portuguesa de Oitocentos e a sua inscrição natural nos alvares do pré-romantismo europeu.

E assim, com tudo isto, que não é pouco, *vamos pondo também o MNAA no lugar certo*, na verdade o papel chamado naturalmente a desempenhar, pela sua dimensão, pela sua história e pelas suas coleções: numa palavra, pela sua representatividade de “primeiro museu nacional”.

António Filipe Pimentel
Director do MNAA